

Artigo

Devo, não nego*

Estudar em escolas públicas, por si só, já é bastante confortável, principalmente quando tem boa arquitetura.

Aconteceu comigo, em diversas ocasiões, ou melhor, em todas elas, já que frequentei o Jardim de Infância Bueno Brandão, em Belo Horizonte, um belo edifício *art nouveau*, importado, pré-fabricado e já desmontado, para a tristeza daquelas crianças que ali brincaram. Não paguei por isso. Em seguida, cursei o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, com seus espaços generosos, neoclássicos, mas as melhores lembranças vem do Colégio Estadual de Minas Gerais, também público, projeto de Oscar Niemeyer de 1953-1954, onde passei dos onze aos dezoito anos. Por ali passaram estudantes que depois iriam se destacar sejam como vereadores, deputados, prefeitos, intelectuais, artistas e empresários de sucesso, além da própria presidente Dilma. Era o tempo do “Henfil” e do “Irmão do Henfil”, que estudaram ali no mesmo período.

Recordo-me com muita nitidez daquele tempo, mas principalmente das belas proporções daqueles espaços, dos pilotis, da rampa e do auditório “mata-borrão”. O edifício era muito visitado, inclusive por delegações estrangeiras, querendo conhecer alguma coisa da obra do arquiteto que já despertava a curiosidade internacional. Também não paguei mensalidades, e devo este período. Cursei arquitetura na UFMG, federal, portanto e, igualmente, saí sem pagar.

Em seguida, me deixaram lecionar na UnB, habitar por vinte anos o edifício do IdA – Instituto de Artes, Oscar Niemeyer, um exemplo de como um espaço pode ser altamente qualificado dentro de extrema simplicidade, concebido e executado com poucos elementos pré-fabricados, permeado por belos jardins, vidros protegidos por beirais, tudo isso dentro de um espaço murado, intimista, nos moldes do atual CEPLAN, da mesma época. Continuo até hoje habitando o ICC, com suas proporções delicadas, seus pés direitos e jardins capazes de transmitir a tranquilidade que parece deixar em seus vazios, os espaços a serem preenchidos com ideias, e não com luxos e supérfluos. De novo, Oscar. Oscar e Lelé juntos.

Nestes casos, a dívida é ainda maior. Além de não pagar, me pagam pra isso.

Depois vem a cidade. Aí a coisa fica bem mais difícil. Circular livremente pela cidade de Lúcio e Oscar me deixa meio sem graça, com aquela sensação de estar furando fila, sei lá. Ver os palácios inéditos que eternizaram a arquitetura brasileira, a Esplanada a partir da plataforma da rodoviária, a maior aula de perspectiva de todos os tempos, milimetricamente pensada, no risco e na

prancheta, sem *photoshop* nem maquete eletrônica, ao vivo e a cores, já é demais, a cidade vira escola. E aí... não posso pagar. Desculpem-me os contribuintes.

(*) *Arq. Nonato Veloso*